

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE LETRAS

NICOLE FONTOURA KUHN

**INVESTIGANDO A INTENSIDADE DAS EMOÇÕES EM L1 E EM L2  
EM ALUNOS DA LETRAS**

PORTO ALEGRE

2023

NICOLE FONTOURA KUHN

**INVESTIGANDO A INTENSIDADE DAS EMOÇÕES EM L1 E EM L2  
EM ALUNOS DA LETRAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Letras – Português e Inglês pelo curso de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ingrid Finger

PORTO ALEGRE

2023

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à minha professora Ingrid Finger, pela orientação, pelo apoio ao longo de todo o processo de escrita deste trabalho e principalmente por me tranquilizar e me motivar em momentos que duvidei de mim mesma e da minha capacidade para fazê-lo.

Agradeço também aos profissionais da área da psicologia que acompanharam essa jornada e com quem muito desabafei sobre essas dúvidas e as ansiedades que senti nesse período. Agradeço à minha psicóloga dos anos de 2020 aos primeiros meses de 2023, Édina Schimitz, que não presenciou o “durante”, mas que esteve comigo em boa parte do “pré TCC”, do meu quinto até o oitavo semestre. Com ela, passei por momentos de incertezas quanto ao curso, à profissão e ao meu futuro; de angústia de, por muito tempo, não saber o que gostaria de pesquisar para o trabalho ou do que fazer depois de concluída essa etapa, mas também de alívio e animação quando finalmente descobri a temática que mais me interessava.

Agradeço à minha prima e amiga Giulia, por ter sido a minha veterana quando entrei no curso, em 2018. Ela me acompanhou na minha matrícula presencial, me deu dicas e conselhos sobre o curso, me indicou professores, me deu seus xerox, sempre repletos de anotações úteis para os meus estudos, e ainda foi minha parceira na disciplina de Estágio de Docência em Língua Portuguesa I. Agora, além de primas, amigas e colegas de faculdade, somos também colegas de profissão.

Agradeço aos docentes que tive na graduação e no 3º ano do ensino médio, sobretudo os professores Maurício Campos e Vinícius Rodrigues. Ao MauMau, por ter me indicado para o meu primeiro estágio remunerado em uma escola, onde adquiri experiência e aprendi muito. E ao Vini, em especial, por ter sido um professor tão carismático, sensível e companheiro, que sempre demonstrou acreditar em mim, que foi uma das razões pelas quais decidi cursar a licenciatura e alguém que eu vejo como exemplo de professor e de pessoa.

Agradeço aos amigos que fiz na Letras, especialmente às minhas “véias” Alan, Carla, Luisa, Rebeca e Vinícius; à Mariana, Martina, Rafaela e Ramiro; e também às amigas mais recentes, Pedro, Guilherme e Rafael. Agradeço a eles por terem feito parte da minha jornada dentro e fora da universidade, por todas as conversas, as gargalhadas de qualidade e lágrimas compartilhadas, os almoços no RU, as idas para a FACED e a tantos outros momentos. Eu não teria conseguido sem o apoio deles. E um agradecimento especial à Luisa, *my doll*, por ter sido a minha “duplinha”.

Por fim, agradeço aos professores Reiner Perozzo e Sandro Fonseca por terem aceitado avaliar o meu trabalho.

## RESUMO

Estudos sugerem que falantes bilíngues, ao expressar emoções, se sentem mais emocionais na primeira língua e mais distantes na segunda e, por isso, têm preferência pela primeira (MELO, 2021; PAVLENKO, 2006). Por isso, este estudo teve como objetivo investigar as percepções de intensidade das emoções em L1 e em L2 em alunos bilíngues português-inglês, do curso de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), de níveis de proficiência variados. Para realizar a pesquisa foram coletados dados de 57 participantes convidados, alunos de graduação do curso de Letras da UFRGS, com diferentes níveis de proficiência. Os participantes responderam a um formulário contendo um Questionário de Histórico da Linguagem e a uma versão traduzida da Escala de Ressonância Emocional Reduzida na L2 (*Reduced Emotional Resonance in LX Scale, RER-LX*) (DEWAELE; SCHEEPERS; TOIVO, 2022), que pedia que os respondentes selecionassem o quanto estavam de acordo com o uso de uma língua ou outra em diferentes situações. Os resultados demonstraram que a maioria dos participantes preferem a L1 para a expressão de emoções por conta do sentimento de proximidade com a língua, e outros optam pela L2 em momentos de maior vulnerabilidade, principalmente devido à possibilidade de distanciamento emocional, já que as palavras não carregam tanto sentido na segunda língua quanto na primeira. Referente à escala, o nível de proficiência dos integrantes da pesquisa não demonstrou ter uma influência significativa na autopercepção da intensidade das emoções em L1 e em L2.

Palavras-chave: bilíngues português-inglês; Curso de Letras; emoções no uso de L1 e L2; Escala de Ressonância Emocional Reduzida na L2.

## **ABSTRACT**

Studies suggest that bilinguals prefer their first language for expressing their emotions because they feel more emotional, while in their second language, they feel more distant (MELO, 2021; PAVLENKO, 2006). Thus, the aim of this study was to investigate bilinguals' perceptions of the intensity of emotions in L1 and L2, in Portuguese-English bilingual students of Letras at the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS), with varied proficiency levels. To carry out the research, data were collected from 57 invited participants, undergraduate students of Letras at UFRGS, with different levels of proficiency. The participants responded to a form that contained a Language History Questionnaire and a translated version of Dewaele, Scheepers, and Toivo's (2022) Reduced Emotional Resonance in LX Scale (RER-LX), which asked respondents to select how much they agreed to the use of one language or the other in different situations. The results showed that the majority of participants prefer the L1 for expressing emotions because of the feeling of proximity/closeness to the language, and others opt for the L2 in moments of greater vulnerability, mainly due to the possibility of emotional detachment, since words don't carry as much meaning in the second language as they do in the first. Regarding the scale, the level of proficiency of the research participants did not prove to have a significant influence on their self-perception of the intensity of emotions in L1 and in L2.

**Keywords:** Portuguese-English bilinguals; Letras undergraduate course; emotions in the use of L1 and L2; Reduced Emotional Resonance in L2.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>7</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>9</b>
2.1 As Emoções e o Bilinguismo	9
2.2 A Redução da Ressonância Emocional na L2	13
2.3 A aplicação da escala RER-LX em bi e multilíngues da Arábia Saudita	15
<b>3 MÉTODO</b>	<b>17</b>
3.2 Objetivos Específicos	18
3.3 Hipóteses	18
3.4 Participantes	19
3.5 Recrutamento	24
3.6 Instrumentos	24
3.6.1 Questionário de Histórico da Linguagem para Pesquisas com Bilíngues	25
3.6.2 Reduced Emotional Resonance in LX Scale (RER-LX)	26
3.6.3 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TLCE)	27
3.7 Procedimentos de Coleta de Dados	27
3.7.1 Procedimentos para a Análise de Dados	28
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÃO</b>	<b>29</b>
4.1 Análise referente ao objetivo específico A	29
4.2 Análise referente ao objetivo específico B:	33
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>35</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>37</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>39</b>
<b>Apêndice A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido</b>	<b>39</b>
<b>Apêndice B - Convite para alunos do curso de Letras</b>	<b>41</b>
<b>Apêndice C - Questionário de Histórico de Linguagem</b>	<b>41</b>
<b>Apêndice D - Reduced Emotional Resonance in LX Scale</b>	<b>45</b>

## 1 INTRODUÇÃO

As emoções são essenciais e fazem parte da vida humana, mas muitas vezes externá-las não é uma tarefa fácil já que, independente da língua que falamos, a expressão de sentimentos pode nos fazer sentir desconfortáveis e muito expostos ou vulneráveis. Por outro lado, quando pensamos em falantes de duas línguas, “o bilinguismo providencia uma nova perspectiva sobre as emoções” (WIERZBICKA, 2004, p. 94, tradução minha<sup>1</sup>) revelando que bilíngues sentem e expressam emoções de formas diferentes e, por isso, também têm percepções emocionais variadas, dependendo da língua que estão utilizando em determinado momento (MELO; FONTES, 2021). Dessa maneira, faz-se relevante investigar o uso da língua nativa e da língua estrangeira em diversas situações em que a expressão de emoções esteja envolvida.

Pesquisas relatam que, entre falantes bilíngues, existe uma preferência pelo uso da língua nativa (L1) em vez da segunda língua (L2) ao expressar emoções (MELO, 2021; PAVLENKO, 2006). Isso se dá porque, geralmente, essas pessoas “se sentem mais emocionais ao expressar emoções na sua primeira língua e mais distantes quando usam a sua segunda” (MELO; FONTES, 2021, p. 03). Segundo Pavlenko (2006, p. 18, tradução minha<sup>2</sup>), há um “sentimento de que a primeira língua é ‘real’ e ‘natural’, enquanto que línguas aprendidas mais tarde são ‘falsas’, ‘artificiais’ e performativas”. Além disso, de acordo com Dewaele (2008 *apud* MELO; FONTES, 2021), palavras na L1 representam uma maior reatividade emocional pois essa é experienciada em muitos mais contextos e aplicada de forma mais variada em comparação à L2. Logo, entende-se que as palavras carregam mais sentido na primeira língua e por isso muitos bilíngues tardios inclinam-se mais a ela para expressar emoções.

Por outro lado, há falantes que optam pela segunda língua exatamente pelo alto nível de emoção incluída no uso da língua materna. Muitas vezes, a L1 funciona como um gatilho para sentimentos negativos pois determinadas palavras trazem sentimentos reprimidos de experiências dolorosas e traumáticas e, por isso, ao conversar sobre uma temática específica ou relembrar certos eventos, alguns bilíngues têm preferência pela L2 (ARAGNO; SCHLACHET, 1996; JAVIER, 1995). Assim, a segunda língua serve como um mecanismo de defesa para o falante, já que consegue separar o fato da emoção ligada a ele (FOSTER, 1992).

---

<sup>1</sup>No original: “[...] bilingualism provides a new perspective on emotions [...]” (WIERZBICKA, 2004, p.94)

<sup>2</sup>No original: “[...] the feeling that the first language is ‘real’ and ‘natural’, while later learned languages are ‘fake’, ‘artificial’, and performative” (Pavlenko, 2006, p. 18).

Depois de ler muito sobre o tópico do bilinguismo em relação às emoções, assistir vídeos curtos nas redes sociais de pessoas bilíngues trazendo relatos que condizem com o que foi exposto no parágrafo acima e também dialogar com amigos sobre esse tema, comecei a refletir sobre as minhas preferências quando se trata de expressão de sentimentos. Sempre tive um pouco de dificuldade nessa área e, observando meu comportamento em certas situações que requerem uma abertura maior, eu tenho a tendência a falar primeiro em inglês (minha segunda língua) pois acho mais fácil e me sinto menos vulnerável. Logo, eu não me encaixo nos resultados de tantas pesquisas, como as de Pavlenko (2008) e Melo (2021), que mostram a primeira língua como a preferida, e essa é uma das motivações para esse trabalho.

Outro motivo é que, apesar de já haver pesquisas sobre a temática do bilinguismo relacionado às emoções, ainda há uma lacuna teórica e empírica de estudos que nos ajudem a compreender melhor as emoções envolvidas no uso da L1 e da L2 em situações diversas. Além disso, poucos trabalhos investigam esse tópico em bilíngues de português e inglês nos cursos de Letras e isso me incentivou a aprofundá-lo. Dessa forma, optei por estudar um tema relevante que sempre me interessou e que, espera-se, poderá auxiliar os falantes a compreenderem melhor o porquê da preferência de uma língua ou outra e dos sentimentos que surgem com o emprego de uma delas. Assim, terei também a oportunidade de contribuir para o campo dos estudos em bilinguismo e emoções, que cresce cada vez mais.

Nesse contexto, este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo geral investigar as percepções de intensidade das emoções em L1 e em L2 em um grupo de alunos bilíngues português-inglês<sup>3</sup>, do curso de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), de níveis de proficiência variados. Os participantes da pesquisa, alunos matriculados em disciplinas diversas ministradas em língua inglesa, foram convidados a preencher um formulário no *Google Forms* formado por duas seções. A primeira seção continha um Questionário de Histórico da Linguagem, que serviu para a coleta de dados sobre a experiência linguística dos participantes, tais como o nível de proficiência autoavaliado e informações sobre há quanto tempo os participantes estudam inglês. Na segunda parte, foi usada a escala *Reduced Emotional Resonance in LX Scale (RER-LX)* (TOIVO; SCHEEPERS; DEWAELE, 2022), que foi traduzida para o português pela autora do trabalho para facilitar a compreensão dos alunos menos proficientes, para analisar a percepção dos participantes em relação a intensidade das suas emoções no uso do português e do inglês, em contextos variados.

---

<sup>3</sup> Grupo de bilíngues tardios, isto é, falantes que adquiriram a língua inglesa após os 7 anos de idade.

Este trabalho está estruturado de forma que, na próxima seção, estudos de pesquisadores e pesquisadoras da área do bilinguismo serão expostos, os quais foram utilizados para o seu referencial teórico. Em seguida, a metodologia do trabalho será apresentada, onde estarão incluídos os objetivos gerais e específicos da pesquisa, hipóteses, informações sobre os participantes e o seu recrutamento, os instrumentos utilizados e procedimentos gerais e para a análise de dados. Na quarta seção, serão expostos os resultados do questionário aplicado juntamente com uma discussão relacionada a eles. Por fim, serão apresentadas as Considerações Finais.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção, uma breve revisão de literatura sobre bilinguismo em relação à emoção e redução da ressonância emocional na segunda língua será fornecida, a partir de estudos anteriores que investigaram o tema, assim como a exposição de uma pesquisa que utilizou a escala de Toivo, Scheepers e Dewaele (2022), a qual foi utilizada como instrumento para o presente trabalho.

### 2.1 As Emoções e o Bilinguismo

Segundo Dewaele<sup>4</sup> (2010 *apud* MELO; FONTES, 2021, p. 05) “as emoções são definidas pela forma como os indivíduos avaliam, interpretam e reagem (como por mudanças fisiológicas) às situações vividas”. Em um estudo realizado por Fuentes, Kroll e Torres (2022, p. 05, tradução minha<sup>5</sup>) sobre “bilíngues de herança”<sup>6</sup>, os autores afirmam que “a língua nativa ou a primeira língua (L1) é um reduto de emoções devido ao desenvolvimento na primeira infância” já que nesse período as crianças se deparam com novas emoções e formam relacionamentos que serão duradouros. Ao mesmo tempo, o sistema linguístico da primeira língua está se desenvolvendo juntamente com o sistema de regulação emocional (CALDWELL-HARRIS, 2015 *apud* FUENTES; KROLL; TORRES, 2022) e por isso há uma conexão entre o desenvolvimento dos conceitos de emoções e as palavras recém adquiridas que se referem a elas. Dessa forma, os autores afirmam que

---

<sup>4</sup> DEWAELE, J.M. Emotions in multiple languages. **Palgrave Macmillan**, 2010.

<sup>5</sup> No original: “[...] the native or first language (L1) is a stronghold for emotions due to early childhood development” (FUENTES; KROLL; TORRES, 2022, p.01).

<sup>6</sup> “Heritage bilinguals are speakers or signers of a minority(-ized) language (e.g., Spanish in the US) to which they have an ancestral connection as well as a societal language (e.g., English in the U.S.)” (FUENTES; KROLL; TORRES, 2022, p.05).

[...] a idade precoce de aquisição é crítica para o desenvolvimento da ligação entre língua e emoções. No caso da segunda língua (L2), a hipótese é que palavras emotivas podem ser processadas semanticamente, mas não revelam o processamento afetivo automático disponível às palavras em L1. (PAVLENKO, 2012 *apud* FUENTES; KROLL; TORRES, 2022, p. 02, tradução minha<sup>7</sup>).

Então, pode-se dizer que as palavras na segunda língua, quando esta é adquirida mais tardiamente (após os 7 anos de idade, de acordo com os autores), não carregam o mesmo sentido. Com isso, elas não têm o mesmo peso emocional que as na primeira, pois a fase de reconhecimento das emoções e das palavras que as nomeiam já passou. Se uma criança aprende a amar, gostar e não gostar, odiar, etc. somente em português, por exemplo, é nessa língua que ela irá realmente sentir essas emoções. Logo, é por essa razão que ao aprender a segunda língua após esse período as palavras não parecem soar, de fato, emotivas. Há, portanto, um desapego e um distanciamento emocional de uma língua (L1) para a outra (L2).

Contudo, o bilinguismo é uma experiência complexa que difere entre os falantes e a forma como esses se relacionam com cada uma de suas línguas depende de outros fatores (FUENTES; KROLL; TORRES, 2022). Além da idade de aquisição, estudos mostram que há elementos como nível de proficiência, frequência de uso, questões sociais e culturais e até mesmo o nível de ligação emocional com uma língua (MELO; FONTES, 2021; MARIAN; KAUSHANSKAYA, 2008; PAVLENKO, 2008) envolvidas na preferência pela L1 em vez da L2 para expressar sentimentos. Nos próximos parágrafos, uma breve explicação será dada a respeito desses itens.

De acordo com Thomas<sup>8</sup> (1994 *apud* FUENTES; KROLL; TORRES, 2022), a proficiência linguística é caracterizada pela “habilidade e competência gerais de um indivíduo para se desempenhar em uma segunda língua” (p. 08, tradução minha<sup>9</sup>). Levando isso em conta, em uma série de entrevistas conduzidas por Heinz<sup>10</sup> (2001 *apud* PAVLENKO, 2006) sobre a experiência dos participantes com as suas línguas, destacou-se a importância da proficiência, em que

<sup>7</sup> No original: “[...] early age of acquisition is critical for the development of the link between language and emotions. In the case of the second language (L2), the hypothesis is that emotional words may be processed semantically but do not reveal the automatic affective processing available to words in the L1 (Pavlenko 2012)” (FUENTES; KROLL; TORRES, 2022, p. 02).

<sup>8</sup> Thomas, M. Assessment of L2 proficiency in second language acquisition research. **Language Learning**, 1994.

<sup>9</sup> No original: “Thomas (1994) characterized language proficiency as an individual’s overall ability and competence to perform in a second language.” (FUENTES; KROLL; TORRES, 2022, p. 08).

<sup>10</sup> HEINZ, B. ‘Fish in the river’: Experiences of bilingual bicultural speakers. **Multilingua**, 2001.

aqueles menos proficientes na L2 se sentiam mais livres e confortáveis na L1, enquanto aqueles cuja L1 estava passando por um atrito favoreceram a L2 e se sentiram capazes de se expressar livremente nessa língua, libertos dos tabus e restrições da língua materna (PAVLENKO, 2006, p. 21, tradução minha<sup>11</sup>).

Assim, pode-se dizer que a proficiência é um fator relevante quando se trata da preferência entre a primeira e a segunda língua e que, em muitas situações, os falantes optam pela L1 em função do quão habilidosos e capacitados são na L2.

Ainda, o grau de proficiência em uma língua está altamente ligado à frequência de uso dela. De acordo com Dewaele (2010), o contexto de aquisição de um idioma pode ser natural (por família ou imersão em uma comunidade), instruído (ensino formal em sala de aula), ou ambos; e a frequência de uso está ligada à regularidade com que uma nova língua é utilizada diariamente em uma variedade grande ou pequena de contextos sociais (*apud* MELO; FONTES, 2021). Esses dois fatores (contexto de aquisição e frequência de uso), juntamente com a idade de aquisição e a proficiência, se conectam, pois:

a aquisição da língua, em anos iniciais, resulta em alta proficiência, que, por sua vez, resulta em um uso frequente da língua (CALDWELL-HARRIS, 2014). A alta frequência de uso também pode levar à alta proficiência, e a aquisição adquirida por imersão (em vez de somente em sala de aula) leva à alta frequência de uso e, por consequência, melhora a proficiência (DEWAELE, 2010; CALDWELL-HARRIS, 2014) (*apud* MELO; FONTES, 2021, p. 07).

Logo, uma maior imersão e o uso mais frequente de uma L2 pode resultar na melhoria em relação às habilidades e competências de um bilíngue na sua segunda língua e isso faz com que o falante desenvolva uma ligação emocional mais forte com o novo idioma. Assim, o possível desconforto e falsidade que alguns bilíngues dizem sentir ao se expressarem nas suas segundas línguas pode mudar.

Como mencionado anteriormente, a língua materna geralmente é preferida pelos falantes bilíngues para expressar emoções por ser mais emocionalmente carregada (MARIAN; KAUSHANSKAYA, 2008). Isso acontece pois é normal que os falantes sejam expostos a muito mais experiências e contextos diferentes na primeira língua e, com isso, as palavras “representam uma maior reatividade emocional” (DEWAELE, 2008 *apud* MELO; FONTES, 2021, p. 07).

---

<sup>11</sup> No original: “those with lower proficiency in the L2 felt freer and more comfortable in the L1, whereas those whose L1 was undergoing attrition favored the L2 and felt able to express themselves freely in that language, liberated from the taboos and constraints of the mother tongue” (PAVLENKO, 2006, p. 21).

Por outro lado, Dewaele<sup>12</sup> (2008) propõe que “a alta socialização em uma LX [...] faz com que o falante tenha uma maior ligação emocional com a expressão na língua estrangeira” (*apud* MELO; FONTES, 2021, p. 08). Um exemplo é o caso de uma participante dessa pesquisa que relatou que a frase “eu te amo” em espanhol, sua terceira língua, era mais emocional para ela pois era casada com um falante da língua. Dessa forma, apesar de a maioria dos falantes bilíngues se sentirem mais conectados emocionalmente à sua primeira língua e mais distantes da segunda, ainda é possível desenvolver uma conexão mais profunda com a L2 a partir de experiências significativas, como relacionamentos e a criação de filhos na segunda língua e, por essa razão, “o segundo idioma nem sempre é a língua do distanciamento” (PAVLENKO, 2006, p. 23, tradução minha<sup>13</sup>).

Por fim, há também questões sociais e culturais que influenciam na preferência da L1 ou da L2 em diferentes situações. Pavlenko (2007) diz que a escolha do falante por uma de suas línguas para expressar emoções vem do efeito pretendido por ele no momento da fala que, por sua vez, depende do interlocutor e do contexto comunicativo (discussões, brigas, xingamentos, compartilhamento de sentimentos e intimidades, etc.). Para isso, os bilíngues usam o *code-switching*, a troca de código linguístico no discurso, visando à satisfação interna, distanciamento emocional, assertividade, entre outros exemplos apresentados pela autora. Ela afirma, então, que a língua escolhida pelo falante não está ligada somente ao nível de proficiência ou frequência de uso dele no idioma, mas também aos objetivos estratégicos que pretende alcançar na interação com seus interlocutores (PAVLENKO, 2007).

Em conclusão, vê-se que há vários fatores que induzem uma pessoa bilíngue a optar pela sua primeira ou segunda língua em contextos diferentes. Entre eles estão a idade de aquisição da L2, o nível de proficiência, a frequência de uso, aspectos sociais e culturais e o quão ligado emocionalmente o falante é aos seus idiomas. Apesar desses elementos, grande parte das pesquisas citadas nesta seção de revisão de literatura trazem o relato de que a língua nativa e a adicional são incorporadas de formas distintas, mostrando que geralmente a L2 soa mais “falsa” e tem menos ressonância emocional que a L1. E essa redução da ressonância emocional na L2 é o segundo tópico desta seção.

---

<sup>12</sup> DEWAELE, J.M. The emotional weight of I love you in multilinguals' languages. **Journal of Pragmatics**, 2008.

<sup>13</sup> No original: “a second language is not always a language of detachment” (*apud* PAVLENKO, 2006, p. 23).

## 2.2 A Redução da Ressonância Emocional na L2

Toivo, Scheepers e Dewaele (2022) utilizam o termo “redução da ressonância emocional na LX” para se referir à distância emocional sentida por falantes bilíngues ao expressar sentimentos como raiva e amor, ao xingar e ao falar de tópicos possivelmente constrangedores. Os autores citam Rolland *et al.*<sup>14</sup> (2017), que relatam sobre a utilidade do uso da L2 em sessões de terapia, fazendo com que os pacientes consigam discutir sobre temas emotivos para eles e acessar memórias mais facilmente, em função desse distanciamento. Assim, essa palavra é selecionada para pensar sobre o sentimento de intensidade emocional dos bilíngues em um idioma, com o objetivo de “capturar as percepções de falantes bilíngues sobre essa intensidade emocional, e como ela pode ser reduzida em sua LX, em comparação com sua L1” (TOIVO; SCHEEPERS; DEWAELE, 2022, p. 10, tradução minha<sup>15</sup>).

Para medir a redução da ressonância emocional na LX, os pesquisadores conduziram dois estudos. O primeiro utilizou um método mais flexível, em que os participantes (n=688) compararam a sua L1 com a LX que usavam com mais frequência, e gerou uma “escala piloto” de 22 itens, os quais tentavam capturar diversas modalidades e situações relacionadas à redução da ressonância emocional da LX. Essa escala inicial apresentou uma boa confiabilidade (Cronbach alpha = 0.815), mas seu resultado propôs que alguns itens fossem removidos para que o nível de confiabilidade melhorasse. Assim, sete itens foram retirados formando, então, uma escala final de 15 itens. O segundo estudo, o qual entrarei em mais detalhes sobre, aplicou essa escala final, foi mais específico e pediu que a L1 dos participantes (n=247) fosse comparada ao inglês como LX (TOIVO; SCHEEPERS; DEWAELE, 2022, p. 27).

O estudo 2 consistiu na aplicação de escala de 15 itens, chamada escala RER-LX (abreviação para *Reduced Emotional Resonance in LX*). O seu objetivo específico foi analisar a sua *validade discriminante*<sup>16</sup> em relação ao LexTALE (uma medida de proficiência), e a sua *validade convergente*<sup>17</sup> relativamente a um conjunto de itens usado para medir a ressonância

---

<sup>14</sup> ROLLAND, L. *et al.* Multilingualism and psychotherapy: exploring multilingual clients' experiences of language practices in psychotherapy. **International Journal of Multilingualism**, 2017.

<sup>15</sup>No original: “[...] to capture bilingual speakers' perceptions of this emotional intensity, and how it might be reduced in their LX, in comparison to their L1” (TOIVO; SCHEEPERS; DEWAELE, 2022, p. 10).

<sup>16</sup> Um teste tem validade discriminante se mostrar correlação nula com um teste que mede um traço independente de personalidade (CAMPBELL; FISKE, 1959 *apud* PASQUALI, 2007).

<sup>17</sup> Um teste tem validade convergente se mostrar correlação alta com um teste que mede um traço de personalidade teoricamente relacionado ao que o teste mede (CAMPBELL; FISKE, 1959 *apud* PASQUALI, 2007).

emocional reduzida em LX em pesquisas anteriores. Assim, os materiais utilizados para essa pesquisa foram três: a escala RER-LX; o teste LexTALE, para medir a proficiência no inglês (a LX em questão); e a subescala BEQ<sup>18</sup>, para testar a validade convergente da escala, com três perguntas do questionário. A coleção de dados foi feita online, em que aos participantes foram solicitadas informações demográficas, seguido do teste de proficiência LexTALE, sucedido pela escala RER-LX e finalizado com as perguntas do BEQ (TOIVO; SCHEEPERS; DEWAELE, 2022, p. 19-22).

A escala RER-LX foi criada para quantificar de forma explícita como os bilíngues “sentem menos” nas línguas adquiridas mais tarde na vida. Em comparação com o BEQ, a melhor escala a tentar fazer isso até agora, a RER-LX é mais específica, tem mais confiabilidade (Cronbach alpha = 0.867), maior validade discriminante em relação ao LexTALE e cobre cinco aspectos referentes à redução emocional em LX exibindo, então, validade de conteúdo: Vulnerabilidade Reduzida, Conexão Emocional Reduzida, Envolvimento Emocional com Mídia/Arte Reduzido, Percepção de Distância Emocional, e Redução de Ofensividade. Além disso, a escala em foco considera que “proficiência e ressonância emocional em LX são dimensões conceitualmente independentes” pois “alta proficiência não implica *automaticamente* em maior ressonância emocional em LX já que a relação entre os dois parece depender da frequência de uso e da exposição cultural à LX” (TOIVO; SCHEEPERS; DEWAELE, 2022, p. 26, traduções minhas<sup>19 20</sup>).

Por fim, a escala RER-LX de Toivo, Scheepers e Dewaele (2022) deve fazer com que os testes de teorias sobre a redução de emoção na segunda língua em comparação com a L1 sejam mais confiáveis e precisos. Da mesma forma, pode auxiliar na análise de como essa diminuição de intensidade se desenvolve, já que “bilíngues podem experimentar mudanças quanto a exposição diária e/ou ao uso de suas línguas” (TOIVO; SCHEEPERS; DEWAELE, 2022, p. 27, tradução minha<sup>21</sup>). Em conclusão, a escala é indicada para quaisquer estudos que examinem a ressonância emocional dos idiomas de bi ou multilíngues, e esse foi o principal material utilizado neste Trabalho de Conclusão de Curso para estudar as percepções de intensidade das emoções em L1 e em L2 em alunos bilíngues do curso de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

<sup>18</sup> The Bilingualism and Emotions Questionnaire (DEWAELE; PAVLENKO, 2001-2003).

<sup>19</sup> No original: “Proficiency and emotional resonance in LX are therefore conceptually independent dimensions” (TOIVO; SCHEEPERS; DEWAELE, 2022, p. 26).

<sup>20</sup> No original: “[...] high proficiency does not automatically imply greater emotional resonance in LX, as the relationship between the two appears to depend on frequency of use and cultural exposure to LX [...]” (TOIVO; SCHEEPERS; DEWAELE, 2022, p. 26).

<sup>21</sup> No original: “[...] bilinguals may experience changes in daily exposure to and/or usage of their languages” (TOIVO; SCHEEPERS; DEWAELE, 2022, p. 27).

### 2.3 A aplicação da escala RER-LX em bi e multilíngues da Arábia Saudita

Todos os fatores influenciadores da preferência de uma língua pela outra citados previamente na primeira seção desta revisão de literatura são muito relevantes no campo de estudo do bilinguismo e expressão de emoções. Dewaele *et al.* (2023) afirmam, porém, que as três categorias de contexto de aquisição da segunda língua (natural, instruída ou misturada) são muito amplas e por isso “não dão espaço para mais detalhes nas trajetórias linguísticas das pessoas” (DEWAELE *et al.*, 2023, p. 01, tradução minha<sup>22</sup>). Dessa forma, os pesquisadores defendem a necessidade de uma abordagem mais específica para investigar os efeitos desse fator e de outros como a idade de início de aquisição, o histórico de aprendizagem da LX, a intensidade de exposição à LX da infância a vida adulta, o quanto os pais usam a LX, o tipo de escolarização (a LX como uma língua estrangeira ou “funcional”, utilizada pelos alunos em interações autênticas), o uso atual da língua e de variáveis sociobiográficas como idade e gênero na ressonância emocional da língua.

No seu estudo, Dewaele *et al.* (2023) focaram em bi e multilíngues de árabe (L1) e inglês (LX) que vivem na Arábia Saudita na intenção de descobrir se um início precoce mas com pouca exposição na língua inglesa, em escolas primárias falantes de Árabe, poderia ter mais efeito na ressonância emocional da língua do que um começo tardio mas com mais exposição, em escolas secundárias falantes de inglês. Além disso, na sua pesquisa questionam e hipotetizam se a ressonância emocional: 1) do árabe (L1) é maior que a do inglês (LX) em jovens multilíngues árabe/inglês; 2) do árabe e do inglês é relacionada à variantes sociobiográficas dos participantes, como idade e gênero; 3) em inglês está ligada ao histórico linguístico dos participantes; e 4) em inglês tem relação com o uso frequente da língua e o nível de proficiência. Para responder essas perguntas, os estudiosos aplicaram a escala RER-LX de Toivo, Scheepers e Dewaele (2022), já que esse é um instrumento de abordagem mais específica e validado psicometricamente.

A pesquisa contou com um total de 141 participantes, dos quais 58 eram do gênero feminino e 83 do gênero masculino. A maioria era da Arábia Saudita, mas havia também, em menor número, integrantes de nacionalidade libanesa, síria e egípcia. Ainda, grande parte dos membros da amostra era bilíngue, tendo o árabe como primeira língua e aproximadamente 11% dos participantes relataram ter adquirido a L1 e o inglês simultaneamente desde o nascimento. Do restante, uma minoria disse ter aprendido a segunda língua naturalmente; um

---

<sup>22</sup> No original: “[...] no room for detail in people’s linguistic trajectories” (DEWAELE *et al.*, 2023, p. 01).

número um pouco maior relatou ter aprendido o inglês apenas de forma instruída, e quase 70% do grupo alegou ter adquirido a língua inglesa de forma natural e instruída concomitantemente.

Os resultados revelaram que a língua árabe (L1) tinha uma ressonância emocional significativamente mais forte que a língua inglesa (LX) entre os participantes bi e multilíngues da pesquisa, reafirmando estudos anteriores (DEWAELE, 2022; PAVLENKO, 2005 *apud* DEWAELE *et al.*, 2023). De acordo com os autores, “a habilidade de sentir o que as palavras significam só vem através da observação prolongada de - e da participação ativa em - trocas emocionais nessa língua” (DEWAELE *et al.*, 2023, p. 13, tradução minha<sup>23</sup>) e, por isso, o uso atual da língua pelos falantes, assim como a intensidade e frequência de exposição ao inglês foram alguns dos fatores fortemente ligados ao nível de emocionalidade do inglês. Atrelado a esses dois elementos, a proficiência na língua inglesa, indiretamente, demonstrou ter uma relação positiva e significativa com a ressonância emocional do idioma, em que percebe-se que uma ajuda no aumento da outra. Dessa forma, Dewaele *et al.* (2023, p. 12, tradução minha<sup>24</sup>) reiteram a afirmação de Hoff<sup>25</sup> (2020) de que a “exposição precoce afeta as habilidades linguísticas dos bilíngues, mas a quantidade de exposição e uso atuais é crucial” para que haja um nível maior de ressonância emocional da LX.

Além desses, foram bastante relevantes também outros dois fatores: o gênero e o histórico linguístico dos participantes. Referente ao primeiro, as mulheres relataram sentir uma emocionalidade mais alta com a LX do que os homens. E sobre o segundo, uma alta ressonância emocional do inglês foi encontrada, especificamente, nos participantes que haviam frequentado escolas primárias falantes da língua inglesa.

Faz-se interessante também expor dois aspectos que não mostraram efeitos significativos na ressonância emocional do idioma em questão. Em primeiro lugar, a idade de início da aquisição da LX geralmente está associada com o nível maior de emoção dela (DEWAELE, 2004, 2013; HARRIS *et al.*, 2006; PAVLENKO, 2005 *apud* DEWAELE *et al.*, 2023) mas, nesse caso, essa variável não foi muito diferente entre os participantes que cresceram aprendendo o inglês e aqueles que começaram a aprendê-lo mais tardiamente.

---

<sup>23</sup> No original: “The ability to feel what the words mean only comes through prolonged observation of - and active participation in - emotional exchanges in that language” (DEWAELE *et al.*, 2023, p. 13).

<sup>24</sup> No original: “[...] early exposure affects bilinguals’ language skills but the amount of current exposure and use is crucial” (DEWAELE *et al.*, 2023, p. 12)

<sup>25</sup> HOFF, E. Lessons from the study of input effects on bilingual development. **International Journal of Bilingualism**, 2020.

Em segundo, a descoberta mais “original” e surpreendente deste estudo foi o baixo efeito do contexto de aquisição pois, enquanto esse fator “tem demonstrado ter um efeito consistente na preferência do idioma e na ressonância emocional” (DEWAELE *et al.*, 2023, p. 11, tradução minha<sup>26</sup>), no estudo de Dewaele *et al.*, (2023)

o contato com o inglês em diferentes estágios da educação revelou que a exposição precoce ao inglês, ao frequentar uma escola primária de língua inglesa, teve um efeito positivo significativo na ressonância emocional. Porém, o regime linguístico da escola secundária e a instituição atual não afetaram mais a ressonância emocional (DEWAELE *et al.*, 2023, p. 11-12, tradução minha<sup>27</sup>)

e, por esse motivo, ele se mostrou mais importante pré-puberdade (fase da escola primária) do que pós (escola secundária adiante). Ademais, esse dado aponta, então, que “a quantidade de *input* linguístico e o seu período na vida molda a ressonância emocional na LX” (DEWAELE *et al.*, 2023, p. 12, tradução minha<sup>28</sup>). Por outro lado, outros fatores como uso da língua pelos pais e intercâmbios em países nativos da língua inglesa não mostraram efeitos significativos na ressonância emocional do idioma em questão. A seguir, será apresentado o método empregado na realização do estudo relatado neste trabalho.

### 3 MÉTODO

Esta pesquisa empírica, de caráter exploratório, envolveu o uso de um questionário de histórico de linguagem e de uma escala que comparou a redução da ressonância emocional dos participantes bilíngues na sua L2 (inglês), em relação a sua L1 (português), que serão melhor descritos mais adiante. Devido à não necessidade de encontros presenciais, os procedimentos de coleta de dados foram feitos online. Esta seção, que apresenta a metodologia da pesquisa, está dividida em objetivo geral, objetivos específicos, hipóteses, participantes, recrutamento, instrumentos e procedimentos de coleta e de análise de dados.

---

<sup>26</sup> No original: “[...] has been shown to have a consistent effect on language preference and emotional resonance” (DEWAELE *et al.*, 2023, p. 11).

<sup>27</sup> No original: “[...] the contact with English at different stages of education revealed that early exposure to English by attending an English-speaking primary school had a significant positive effect on emotional resonance. However, the language regime of secondary school and the current institution no longer affected emotional resonance” (DEWAELE *et al.*, 2023, p. 11-12).

<sup>28</sup> No original: “The amount of language input and its timing in the life shapes emotional resonance in the LX” (DEWAELE *et al.*, 2023, p. 12).

### 3.1 Objetivo Geral

Esta pesquisa teve como objetivo geral investigar as percepções de intensidade das emoções em L1 e em L2 em um grupo de alunos bilíngues português-ínglês, do curso de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), de níveis de proficiência variados.

### 3.2 Objetivos Específicos

Os objetivos específicos do presente estudo são:

- (A) Investigar em que contextos os participantes testados preferem usar a L2 para expressar emoções.
- (B) Investigar em que medida o nível de proficiência em língua inglesa dos participantes afeta suas percepções de intensidade das emoções em L1 e em L2.

### 3.3 Hipóteses

Duas hipóteses foram elaboradas para explorar o objetivo geral mencionado anteriormente. Em relação ao objetivo específico A, em que se buscou investigar em que contextos os participantes testados preferem usar a L2 para expressar emoções, esperava-se que alguns alunos do curso de Letras - Português/Ínglês da UFRGS fossem preferir trocar a sua primeira língua pela segunda em momentos em que se sentem mais vulneráveis (falando de memórias difíceis, de episódios possivelmente mais constrangedores ou embaraçosos, ou expressando sentimentos profundos como raiva e amor). Essa previsão foi baseada em Pavlenko (2005), no qual a autora argumenta que, entre falantes bilíngues, muitos optam pela L2 no momento de expressar sentimentos negativos, por parecer mais seguro, educado, assertivo e fazê-los se sentirem menos vulneráveis; e positivos por ser mais fácil e/ou por ficarem relutantes à expressão de sentimentos como o amor na primeira língua. Similarmente, Melo e Fontes (2021) relatam a preferência de alguns participantes em sua pesquisa pela L2 ao utilizar termos carinhosos ou frases como “eu te amo” por se sentirem menos expostos, e a primeira hipótese também está baseada nesse relato.

Em segundo lugar, em relação ao objetivo específico B, que era investigar em que medida o nível de proficiência em língua inglesa dos participantes afeta suas percepções de intensidade das emoções em L1 e em L2, esperava-se que alunos do curso de Letras - Português/Inglês da UFRGS que têm menor proficiência na língua inglesa demonstrassem menor intensidade das emoções em L2 do que os alunos que têm maior nível de proficiência autodeclarada. Tal previsão está fundamentada a partir das colocações de Aneta Pavlenko, que relata, em seu livro *Bilingual Selves* (2006), que muitos respondentes de sua pesquisa revelam ter consciência das suas mudanças de comportamento e de autopercepção na troca de uma língua para a outra. A forma como cada um é socializado, em culturas diferentes e em seus respectivos contextos linguísticos influencia nessas alterações. Mas, além disso, a proficiência também cumpre um papel importante em que aqueles com proficiência mais baixa em L2 se sentem mais confortáveis e livres ao se expressar em L1.

### 3.4 Participantes

A amostra foi formada por 57 participantes, todos alunos do curso de Letras - Português/Inglês da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Todos declararam ter o inglês como língua adicional, sendo que a fluência avançada no segundo idioma não foi considerada obrigatória para participar da pesquisa. A amostra foi de conveniência, ou seja, formada pelos alunos do Curso de Letras que se dispuseram a participar do estudo, a partir do contato feito através das modalidades de recrutamento apresentadas na seção seguinte. Não foi utilizado, portanto, nenhum critério estatístico para a seleção da amostra.

Todos os participantes satisfizeram os critérios de inclusão na amostra, que eram:

- (a) Ter mais de 18 anos no momento da coleta de dados;
- (b) Ser brasileiro;
- (c) Ter português como língua materna;
- (d) Ser aluno do curso de Letras - Português/Inglês na UFRGS, independente da habilitação (bacharelado ou licenciatura);

Nenhum participante foi excluído da amostra, sendo que os critérios de exclusão eram:

- (a) Ter morado em algum país de língua inglesa por mais de 4 semanas;
- (b) Ter convívio pessoal próximo com um falante nativo de inglês.

A coleta de dados disponibilizou 57 respostas no total, as quais todas foram analisadas já que todos satisfizeram os critérios para a sua participação plena. Dos 57 participantes, 45

(78,94%) eram do gênero feminino, oito do gênero masculino (14,03%), três pessoas (5,26%) eram não-binárias e uma (1,75%) preferiu não dizer.

A média de idade dos participantes é de 23,56 anos de idade ( $DP = 7,89$ ) e todos são brasileiros bilíngues e multilíngues maiores de 18 anos, falantes de português como primeira língua (L1) e de inglês como segunda (L2). Em relação ao ano de entrada na faculdade de Letras, 23 (14,65%) dos respondentes ingressou em 2023, oito (5,09%) em 2022, sete (4,45%) em 2021, seis (3,82%) em 2020, quatro (2,54%) em 2019, cinco (3,18%) em 2018, três pessoas (1,91%) ingressaram em 2017 e uma (0,63%) em 1988. Referente à habilitação no curso, na Licenciatura Dupla (português e inglês) estão matriculados 27 participantes (17,19%) e na Licenciatura Simples (inglês) apenas dois (1,27%). No Curso de Bacharelado (português e inglês), estão matriculadas 28 pessoas (17,83%).

No questionário de histórico da linguagem revelou-se também que a média de idade em que os participantes começaram a aprender inglês foi aos 10,40 anos ( $DP = 5,63$ ) e que a média para quantos anos tinham quando se consideraram fluentes foi de 13,94 ( $DP = 6,78$ ), apesar de dez pessoas (17,54%) ainda não se considerarem fluentes na língua. Além disso, aos respondentes foi perguntado se conheciam uma terceira língua e, dos 57 participantes, 28 (50,87%) responderam que sim. Dentre as respostas estavam as línguas espanhola, italiana, francesa, alemã, japonesa, russa, coreana e a libras.

Os membros que participaram da pesquisa realizaram uma autoavaliação de proficiência, em que examinaram o quão proficientes se consideravam em algumas habilidades. O grau de proficiência foi indicado em uma escala de seis pontos, em que 1 significava *proficiente* e 6 (nível de proficiência)  *muito baixo*<sup>29</sup>. As médias da autoavaliação de proficiência em cada uma das habilidades na língua inglesa e na terceira língua estão demonstradas nas tabelas abaixo:

**Tabela 1** - Média e desvio padrão da autoavaliação de proficiência na L2 (inglês)

Língua	Habilidade	Média	$DP$
Inglês (N=57)	Leitura	1,84	0,86
	Escrita	2,43	1,22
	Produção oral	2,17	1,25
	Compreensão oral	1,84	1,04

<sup>29</sup> O significado dos pontos de cada escala mencionada nesta seção está descrito detalhadamente na seção 3.7.1, referente aos Procedimentos para a Análise de Dados.

	Vocabulário	2,14	1,06
	Gramática	2,64	1,06
	Pronúncia	2,22	1,10
<b>Média total</b>		<b>2,18</b>	<b>0,92</b>

**Tabela 2** - Média e desvio padrão da autoavaliação de proficiência na L3

Língua	Habilidade	Média	<i>DP</i>
L3 (N=28)	Leitura	3,78	1,37
	Escrita	4,71	1,24
	Produção oral	4,37	1,21
	Compreensão oral	3,78	1,31
	Vocabulário	4,25	1,17
	Gramática	4,60	1,13
	Pronúncia	3,75	1,35
<b>Média total</b>		<b>4,17</b>	<b>1,08</b>

Como pode ser visto, há uma grande diferença de percepção de proficiência entre a L2 e a L3. No inglês, percebe-se que os participantes se autoavaliam mais proficientes nas habilidades de leitura, compreensão e produção oral e vocabulário (acima da média), apesar de a última apresentar uma variabilidade um pouco maior. Na terceira língua, nota-se que os participantes se consideram mais proficientes na leitura, na compreensão oral e na pronúncia. Similarmente, percebe-se uma menor proficiência autodeclarada nas habilidades de escrita e gramática em ambas as línguas, em que o nível da L2 é maior que o da L3. Assim, é possível identificar que os participantes se julgam muito mais proficientes na língua inglesa (L2) ( $M = 2,18$   $DP = 0,92$ ) do que na terceira língua ( $M = 4,17$   $DP = 1,08$ ) que têm conhecimento.

Apesar de não ter sido solicitado que respondessem o quanto usam a terceira língua no cotidiano, esse resultado pode estar relacionado também a frequência de horas por dia que realizam atividades nas suas línguas adicionais, em que presume-se que a segunda língua seja mais utilizada do que a terceira. Em uma escala de oito pontos, na qual 0 significava *menos de*

1h, 1 representava *de 1h a 2h*, 2 denotava *de 3h a 4h* e 7 indicava *N/A*, utilizado caso uma atividade não se aplicasse a rotina do participante, os integrantes da pesquisa indicaram aproximadamente quantas horas por dia usavam o inglês ao praticar determinadas atividades. A relação da média e desvio padrão do número aproximado de horas diárias em que os participantes usam a língua inglesa ao realizar uma atividade está na tabela abaixo:

**Tabela 3** - Média e desvio padrão do número aproximado de horas diárias em que os participantes usam o inglês ao realizar uma atividade

Horas/dia	Média	DP
Assistir filmes, séries e/ou vídeos	1,63	1,30
Ouvir música, podcasts e/ou áudios	2,24	1,35
Jogar videogames e/ou aplicativos	1,77	2,41
Ler livros, revistas, jornais e/ou artigos	1,36	1,62
Ler textos acadêmicos	1,42	2,36
Escrever mensagens, emails, blog e/ou diário	1,14	1,84
Falar (conversas, apresentações, etc.)	1,17	1,62
<b>Média total</b>	<b>1,53</b>	<b>1,78</b>

A partir da tabela 3, é possível ver que, diariamente, os participantes não usam a língua inglesa ao fazer as atividades indicadas durante muitas horas dos seus dias ( $M = 1,53$   $DP = 1,78$ ), variando entre 1h e 2h por dia e 3h e 4h por dia. Percebe-se que assistir a filmes, séries e/ou vídeos; ouvir música, podcasts e/ou áudios; e jogar videogames e/ou aplicativos são as práticas em que usam o inglês com mais frequência no cotidiano, embora a terceira tenha apresentado uma variabilidade maior em relação às outras ( $DP = 2,41$ ). Similarmente, ler textos acadêmicos se manteve no período de 1h a 2h por dia, mas também teve respostas mais variadas ( $DP = 2,36$ ). Dentre as atividades em que os participantes relataram utilizar menos a língua inglesa estão escrever mensagens, e-mails, blog e/ou diário, falar (conversas, apresentações, etc.) e ambos tipos de leitura.

Utilizando uma escala de quatro pontos, em que 1 significava *foi essencial* e 4 *não contribuiu*, os participantes responderam também um item do questionário em que deveriam classificar o quanto determinados fatores contribuíram e/ou contribuem para a sua

aprendizagem de inglês. A relação entre as médias da aprendizagem da língua inglesa e a contribuição desses elementos para isso estão demonstradas na tabela abaixo:

**Tabela 4** - Média e desvio padrão da contribuição de diferentes fatores na aprendizagem de inglês

Fator	Média	<i>DP</i>
Interação com a família	3,49	0,86
Interação com os amigos	2,61	0,86
Leitura geral	1,56	0,75
Leitura de textos acadêmicos	2,77	0,98
Assistir séries, filmes e vídeos no Youtube	1,15	0,41
Escutar música ou podcasts	1,19	0,48
Uso da Internet	1,19	0,48
Disciplinas da Letras	2,42	0,90
Curso de línguas	2,35	1,27
Jogar videogames	2,84	1,26
Uso de redes sociais	1,64	0,91

Pode-se ver, primeiramente, que a interação com a família é o fator que menos contribuiu na aprendizagem do inglês e que apresentou menor variabilidade na amostra. A interação com os amigos não contribuiu tanto quanto esperado e talvez isso seja porque, em muitos casos, quando se está em um grupo de amizades o mais comum é que a primeira língua seja falada de forma que não só todos se entendam mas também que estejam mais livres linguisticamente. Como previsto, percebe-se também que assistir a filmes e séries, escutar música e podcasts e usar a Internet são os fatores que mais contribuíram na aprendizagem dos participantes. Por fim, considerando que assistir filmes, séries e/ou vídeos assim como escutar música, podcast e/ou áudios são duas das atividades que o inglês é mais usado no dia a dia deles (tabela 3), faz muito sentido que os participantes considerem ter maior nível de proficiência na leitura e na compreensão oral (tabela 1), já que entram em bastante contato com essas habilidades na sua rotina diária.

Finalmente, esses dados mostram o quanto a imersão e exposição constante ao idioma auxiliam e são essenciais para que se aprenda uma nova língua. Com isso, conclui-se também que o acesso a Internet é muito importante para que essa exposição seja possível, já que essa é a principal forma de acesso à música, filmes, podcasts, às redes sociais e, conseqüentemente, à possibilidade de conexões com pessoas de outros países. Por fim, alguns participantes relataram também outros fatores contribuintes para o seu aprendizado da língua inglesa, entre eles: imersão em país falante da língua e, por consequência, interação com nativos, uso de aplicativos, escrita de fanfics e comentários e ser professor(a) do idioma.

### **3.5 Recrutamento**

O recrutamento dos participantes foi realizado através do contato pessoal, visitando algumas turmas de disciplinas da língua inglesa para apresentar e explicar a pesquisa brevemente e convidar os alunos e alunas a responderem o questionário; e online, com professores do curso de Letras que foram solicitados a enviar um e-mail com uma mensagem (que consta no Apêndice B) aos estudantes matriculados em suas disciplinas ministradas em inglês no semestre de 2023/1. Além do correio eletrônico, o mesmo convite foi feito em grupos de Whatsapp e em conversas individuais com colegas da autora deste trabalho. Na mensagem constam as seguintes informações: os objetivos da pesquisa, o tempo previsto para a coleta, o local da coleta e a forma de contato com a graduanda e com a professora orientadora responsável pela pesquisa.

### **3.6 Instrumentos**

Os dados a serem analisados neste estudo foram coletados online através de um único formulário do Google. Entretanto, dois questionários foram aplicados neste mesmo formulário. O primeiro foi uma adaptação do Questionário de Histórico da Linguagem para Pesquisas com Bilíngues, de Scholl e Finger (2013); e o segundo uma versão traduzida da *Reduced Emotional Resonance Scale (RER-LX)* (TOIVO; SCHEEPERS; DEWAELE, 2022). Já que foram recrutados participantes de níveis de proficiência variados, o formulário foi escrito e preenchido em português. Abaixo, esses instrumentos serão apresentados com mais detalhe.

### 3.6.1 Questionário de Histórico da Linguagem para Pesquisas com Bilíngues

A presente pesquisa utilizou uma adaptação virtual do Questionário de Histórico da Linguagem para Pesquisas com Bilíngues, de Scholl e Finger (2013). O questionário foi desenvolvido para a avaliação do perfil linguístico de bilíngues brasileiros visto que não havia um instrumento de avaliação padrão para esse grupo de falantes. Até então, pesquisadores elaboravam as suas próprias questões para suas pesquisas e isso causava variação na seleção e avaliação dos participantes de estudo para estudo. Assim, o trabalho contribuiu para os estudos sobre o bilinguismo pois traz perguntas que englobam aspectos considerados fundamentais pelas autoras, relacionados à análise do desenvolvimento da experiência bilíngue do participante.

Inicialmente criado para ser aplicado com papel e caneta e respondido de forma independente, as questões incluídas estão divididas em cinco grupos. Na primeira seção encontram-se questões de *informações pessoais* (nome, idade, sexo, data de nascimento, etc.), que servem para a identificação e classificação dos participantes. Na segunda há perguntas sobre o *histórico das línguas* dos respondentes, servindo para a coleta de informações sobre a idade e o modo de aquisição das línguas. Ainda, itens relacionados aos contextos, à frequência e ao propósito de uso de cada idioma fazem parte do grupo de *funções e uso das línguas*, abrangendo também questões sobre o domínio de uso das línguas; o total diário do uso de cada uma; a frequência de uso em diferentes atividades, medida em horas; e em qual língua o participante realiza algumas das funções internas da linguagem. Além disso, no grupo da *proficiência* pede-se a indicação do quão proficiente o falante é nas habilidades de leitura, escrita, compreensão oral e compreensão escrita, em uma escala de 1 a 6, em cada uma das línguas. E, por fim, na seção de *outras informações*, o participante responde em qual língua se sente mais confiante ao ler, escrever, falar e compreender e se já realizou algum teste de proficiência em algum dos idiomas.

Voltando à investigação deste Trabalho de Conclusão, o primeiro questionário inserido no formulário (incluso no Apêndice C) é uma adaptação do Questionário de Histórico da Linguagem para Pesquisas com Bilíngues, de Scholl e Finger (2013), que foi dividido em três seções. Na primeira, os participantes indicaram seus nomes, gênero, local e data de nascimento. Na segunda seção, os respondentes autoavaliaram sua proficiência em conhecimento de vocabulário, gramática e pronúncia e também nas quatro competências de inglês (leitura, escrita, compreensão oral e produção oral) escolhendo entre muito baixo, baixo, razoável, bom, muito bom e proficiente. Ainda responderam a perguntas relacionadas à

sua experiência com o aprendizado das línguas estrangeiras que falam. As perguntas indagaram qual o curso do participante (licenciatura ou bacharelado), como e quando começou a aprender a língua estrangeira, o quanto a usa no dia a dia e em que situações. E na terceira e última seção, os participantes responderam se têm mais facilidade ou dificuldade para expressar suas emoções e em qual língua preferem expressá-las; em qual idioma se sentem mais vulneráveis e se há algum assunto ou tipo de situação que os faça optar pelo inglês em vez do português.

### 3.6.2 *Reduced Emotional Resonance in LX Scale (RER-LX)*

Na metodologia deste Trabalho de Conclusão foi utilizada também a Escala de Ressonância Emocional Reduzida em LX (RER-LX) de Toivo, Scheepers e Dewaele (2022). Como explicado no referencial teórico, essa escala foi desenvolvida para avaliar explicitamente de que forma os falantes bilíngues “sentem menos” nas línguas adquiridas mais tarde. Essa escala é psicometricamente forte, possui boa confiabilidade (Chronbach alpha = 0,867) e “tem validade de conteúdo em termos de sua estrutura de fator subjacente” (DEWAELE *et al.*, 2023, p. 07, tradução minha<sup>30</sup>).

O segundo questionário é uma versão traduzida da escala final *Reduced Emotional Resonance Scale (RER-LX)* (TOIVO; SCHEEPERS; DEWAELE, 2022) (incluso no apêndice D) e consiste de 17 questões que servem ao propósito de capturar a redução de ressonância emocional em L2 em diferentes situações e modalidades. Vale observar que a escala final tem, na verdade, 15 itens, porém dois outros que estavam na escala original foram incluídos aqui pois julgamos como relevantes para nossa pesquisa (itens número 2 e 3 no apêndice).

As questões investigam, por exemplo, qual língua o aluno tende a usar quando está muito irritado; o quão afetado ele se sente quando é xingado em sua primeira língua em comparação com a segunda; se é mais desagradável ser criticado na sua L1 do que na sua L2, entre outros. Para cada um dos itens, as mesmas seis opções de respostas são aplicadas na escala Likert de 6 pontos: 1. Discordo totalmente, 2. Discordo, 3. Discordo um pouco, 4. Concordo um pouco, 5. Concordo e 6. Concordo totalmente. O participante deve marcar apenas uma das alternativas de cada item.

---

<sup>30</sup> No original: “[...] has content validity in terms of its underlying factor structure” (DEWAELE *et al.*, 2023, p. 07).

### 3.6.3 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TLCE)

Antes das perguntas do questionário, os participantes tiveram que aceitar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para poder participar da pesquisa. Ao fazer o convite para o estudo, o Termo informou aos participantes os objetivos, os riscos e os benefícios do trabalho. Como riscos, foi informado que a pesquisa poderia ocasionar cansaço mental ou desconforto ao responder às questões do questionário. Para minimizar esses riscos, foi esclarecido que não seria estipulado tempo para o preenchimento das respostas e que não havia respostas certas ou erradas. Como benefício indireto, foi dito que o estudo poderia fornecer dados que ampliam a compreensão acerca da relação entre proficiência na língua inglesa e a redução da ressonância emocional em L2 em alunos de Letras da UFRGS. Além disso, foi garantido que a identidade de quem aceitasse participar seria mantida em sigilo e também que seria possível desistir da pesquisa em qualquer momento. No final, constavam as informações para contato em caso de qualquer dúvida.

### 3.7 Procedimentos de Coleta de Dados

O convite para a pesquisa foi feito de forma virtual e pessoal. Pessoalmente, através da visita a algumas turmas de língua inglesa do curso, com autorização prévia dos ministrantes dessas disciplinas. Virtualmente, um convite (Apêndice B) foi encaminhado no grupo de Whatsapp dos formandos do semestre de 2023/1 e no do curso de Letras, assim como um email foi enviado para outros professores ministrantes de matérias do currículo de inglês, convidando os alunos a participarem da pesquisa. A divulgação do *link* do questionário também ocorreu por meio da postagem de *stories* no Instagram.

Os participantes que aceitaram participar, ao acessar o *link* descrito na mensagem de divulgação, foram direcionados à página do *Google Forms* em que se encontrava o questionário. Antes de começarem, os participantes leram e aceitaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A) e, em seguida, preencheram o Questionário de Histórico de Linguagem e a escala de Ressonância Emocional Reduzida em LX. O preenchimento do formulário foi totalmente individual e feito no computador ou celular pessoal de cada participante. Estimou-se que os respondentes levariam em torno de 30 minutos para executar todas as tarefas, com possibilidade de intervalos durante o preenchimento do questionário. Após a sua conclusão, os resultados foram automaticamente salvos e enviados de volta à pesquisadora

Os dados coletados foram transferidos para uma planilha Excel que foi utilizada na análise de dados, a qual realizou-se com o auxílio do software JASP versão 0.14.1 para a análise estatística. Através desse software foi possível descobrir se existem relações entre as respostas dos participantes na escala e no questionário.

### 3.7.1 Procedimentos para a Análise de Dados

Ao ser encerrada a coleta das respostas, passou-se para a organização dos dados. Para iniciar, as respostas coletadas foram transferidas para uma planilha Excel, gerada de forma automática pelo Google Forms. Observou-se que 57 respostas foram contabilizadas, das quais nenhuma foi descartada já que todas cumpriram com os critérios. Em seguida, passou-se à organização dos dados.

Na primeira seção do questionário, a qual solicitou informações pessoais dos participantes, dados como gênero e habilitação do curso foram transformados em números representativos já que esses podem ser analisados estatisticamente. Assim, ao serem perguntados com qual gênero se identificavam, as respostas, que poderiam ser *feminino*, *masculino*, *não-binário* ou *prefiro não dizer* foram convertidas para os números 1, 2, 3 e 4, respectivamente. Da mesma forma, as opções para a habilitação do curso, que eram de bacharelado ou licenciatura em português e inglês ou apenas inglês, se converteram em: 1: licenciatura português/inglês; 2: licenciatura inglês; 3: bacharelado português/inglês; ou 4: bacharelado inglês.

Em seguida, os participantes autoavaliaram a sua proficiência em inglês e em uma possível terceira língua. Nessa seção, a primeira questão perguntava com qual idade o participante considera que se tornou fluente na língua inglesa e, como muitos responderam que ainda não se consideravam fluentes, respostas como essa foram representadas com o número 0. Nas questões que pediam para que autoavaliassem a sua proficiência (em compreensão oral, por exemplo), as opções de respostas *proficiente*, *muito bom*, *bom*, *razoável*, *baixo* e *muito baixo* foram convertidas para os números 1, 2, 3, 4, 5 e 6, respectivamente. Similarmente nas questões em que deveriam medir a contribuição de diversos tipos de atividades (interações com a família, amigos e leitura, por exemplo), as opções de respostas *foi essencial*, *contribuiu em boa medida*, *contribuiu pouco* e *não contribuiu* foram transformadas, de modo respectivo, nos números 1, 2, 3 e 4. Por fim, ao responderem quantas horas por dia, aproximadamente, passam realizando diversos programas

(como assistir filmes e escutar música), as alternativas *menos de 1h*, *1h-2h*, *3h-4h*, *5h-6h*, *7h-8h*, *9h-10h*, *mais de 10h* e *N/A* foram convertidas em 0, 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7, por essa ordem.

Finalmente, na terceira seção, que contou com os itens da escala RER-LX de Dewaele (2022), itens como “*Eu me sinto menos emotiva usando minha L2 que minha L1*” tinham como opção as respostas *discordo totalmente*, *discordo*, *discordo um pouco*, *concordo um pouco*, *concordo* e *concordo totalmente*. Essas possibilidades passaram a ser representadas, então, pelos números 1, 2, 3, 4, 5 e 6, respectivamente.

O questionário contou também com perguntas que exigiam respostas mais longas, as quais não poderiam ser analisadas estatisticamente. Essas contribuíram qualitativamente para a pesquisa.

## **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os resultados da pesquisa foram divididos em duas análises: uma referente ao objetivo específico A e outra ao objetivo específico B. Quanto ao primeiro, uma análise quantitativa foi feita a fim de comparar a frequência e em que contextos os participantes testados preferem usar a L2 para expressar as emoções. Em seguida, a primeira hipótese do estudo é retomada e as respostas dos participantes são citadas para qualificar e proporcionar um melhor entendimento e interpretação dos dados e resultados. Em relação ao segundo objetivo, um teste-*t* de amostras independentes foi aplicado na intenção de averiguar em que medida o nível de proficiência em língua inglesa afeta a percepção de intensidade das emoções em L1 e em L2. Em cada seção, serão descritos os principais achados da pesquisa.

### **4.1 Análise referente ao objetivo específico A**

Para responder ao objetivo específico A deste trabalho, o qual busca investigar em que contextos os participantes testados preferem usar a L2 para expressar emoções, duas perguntas foram feitas no questionário. A primeira foi “Em qual língua você prefere expressar suas emoções? Por quê?”, e a segunda “Você se sente mais vulnerável expressando emoções em português ou em inglês? Há algum assunto ou algum tipo de situação que te faça optar pelo inglês em vez do português?”. Ambas as questões exigiam uma resposta mais detalhada, mas foi possível quantificá-las em duas categorias que foram intituladas: 1) L1 ou LX; e 2) Mais vulnerável. Vale observar, também, que optou-se pelo termo “LX”, em vez de “L2”, pois nas respostas houve relatos sobre a preferência por outras línguas além da inglesa. Nas tabelas

5 e 6 abaixo, apresentam-se as frequências para a língua em que os participantes preferem para expressar suas emoções e para a língua em que se sentem mais vulneráveis:

**Tabela 5** - Número de participantes que expressaram preferência pela L1 ou pela LX para a expressão de emoções (N=57)

L1 ou LX	Frequência	Porcentagem (%)
L1	30	50,84
LX	20	33,89

**Tabela 6** - Número de participantes que revelaram sentir maior vulnerabilidade em L1 ou LX (N=57)

Mais vulnerável	Frequência	Porcentagem (%)
L1	33	55,93
LX	18	30,50

Na tabela 5, pode-se ver que foram contabilizadas 50 respostas, das quais 30 (50,84%) indicaram a preferência dos participantes pela L1 para expressar emoções e 20 (33,89%) mostraram preferência pela LX. Nota-se também que sete respostas não foram incluídas na análise e o motivo para isso foi porque ou o participante não demonstrou preferir uma língua a outra nesse contexto ou simplesmente porque não foi possível identificar qual seria a preferência do indivíduo em questão, baseado na resposta concedida. Assim, entende-se que metade dos respondentes favorece a sua primeira língua, o português, para a expressão dos seus sentimentos e um número menor de pessoas opta pela LX. Esses resultados fazem sentido visto que os estudos sobre o bilinguismo e emoções citados e referenciados no embasamento teórico deste trabalho apresentam relatos semelhantes.

Na tabela 6, vê-se que dos 57 participantes da pesquisa, 51 (86,43%) respostas para a pergunta “Você se sente mais vulnerável expressando emoções em português ou em inglês?” foram conferidas. Desse total, 33 pessoas (55,93%) relataram se sentir mais vulneráveis em português (L1) e 18 (30,50%) em inglês (L2). Seis respostas não foram incluídas na análise pois ou o participante afirmou se sentir igualmente vulnerável em ambas as línguas, ou não se

sentir vulnerável ou pois não foi possível identificar, com base na resposta dada, em qual idioma o indivíduo em questão sentia um maior grau de vulnerabilidade.

Este trabalho contou com duas hipóteses, uma para cada objetivo específico. A primeira previa que alguns alunos preferissem trocar da sua primeira língua para segunda em momentos em que se sentem mais vulneráveis (falando de memórias difíceis, de episódios possivelmente mais constrangedores ou embaraçosos, ou expressando sentimentos profundos como raiva e amor). A partir dos resultados obtidos, confirmou-se que alguns estudantes (33,89% da amostra) escolhem alterar a língua que estão falando em ocasiões em que percebem uma sentimento de vulnerabilidade mais intenso, apesar de a maioria preferir a primeira.

Como foi visto, 50,84% dos participantes preferem a L1 para a expressão de sentimentos. Entre as justificativas mais usadas, temos a sensação de mais naturalidade, fluidez e facilidade no momento de fala, visto que o português é a língua materna, a certeza da compreensão do outro e o valor sentimental que a língua tem para a pessoa. Em relação a essa sentimentalidade, duas respostas despertam interesse. Um participante disse preferir se expressar em português pois acredita que cause mais impacto, já que todos entendem, e complementou relatando achar que *“as expressões no inglês utilizadas hoje muitas vezes são usadas na forma de brincadeira, como por exemplo ‘I love you’, que escuto várias pessoas falando sem amar realmente a outra”*. O outro deu a seguinte resposta:

Me sinto mais vulnerável expressando minhas emoções em português. Como disse anteriormente, a Língua Portuguesa tem uma profundidade própria e natural para mim, por exemplo, "Te amo", "Amo você" e "Eu te amo" tem significados e intensidades completamente diferentes na minha opinião, então acredito que esse seja um dos motivos pelo qual o inglês pareça ser menos complicado de se expressar, "I Love you" não tem o poder que "Eu te amo" tem para mim.

Como se pode ver, ambos os retornos falam sobre o uso da expressão *I love you*, em inglês, e do *eu te amo* (e suas variações), em português. Eles chamam atenção pois retomam a ideia de que, geralmente, os falantes são expostos a mais experiências e contextos diferentes na primeira língua do que na segunda, fazendo com que as palavras e emoções em L1 tenham uma “maior reatividade emocional” (DEWAELE, 2008 *apud* MELO; FONTES, 2021, p. 07) em comparação com a segunda. Essas respostas remetem também ao sentimento de honestidade e falsidade ao expressar emoções, em que a expressão no português parece mais

verdadeira e no inglês mais falsa, por causa de uma “superutilização” dessas palavras e expressões em filmes e na mídia em geral.

Além disso, a questão da vulnerabilidade foi abordada em algumas respostas. Quanto a isso, nas respostas “*me sinto mais vulnerável expressando minhas emoções em inglês porque não é uma língua que tenho proficiência*” e “*acho que em inglês me sinto mais vulnerável, por não ter total domínio*” percebeu-se que alguns desses participantes que têm preferência pela L1 para expressar seus sentimentos se sentem mais vulneráveis na LX, principalmente por não ter domínio da língua. Ainda, viu-se que os indivíduos que relataram se sentir mais vulneráveis em português (55,93% da amostra) não necessariamente concebem esse como um sentimento negativo. Por exemplo, nas respostas “[...] *soa mais real*”; “*I feel that using english as a second language don't have the emotional connotations that is attached to them in my mother tongue*”<sup>31</sup> e “*me sinto mais vulnerável em português, apesar de preferir. Sinto que as palavras em português têm muito mais peso e significado, principalmente no que toca o campo emocional*”, pode-se perceber que, para alguns dos participantes da pesquisa, o sentimento de vulnerabilidade atrelado à expressão de emoções se mostra “apenas” como uma consequência desse tipo de enunciação não só pelo fato de soar mais real e emocional, mas também pelo sentido carregado pelas palavras.

Por outro lado, e como foi confirmado na primeira hipótese, muitos não se sentem à vontade com a exposição e a vulnerabilidade e, por isso, optam pela LX em certos momentos. Em uma das respostas, por exemplo, uma participante disse preferir usar o inglês para expressar suas emoções pois consegue se “distanciar” um pouco de suas emoções, já que passam por um “filtro linguístico” e por não ser tão familiar e complementa afirmando que “*quando eu me expesso em Português eu me sinto mais vulnerável e exposta, enquanto que no Inglês há um certo grau de proteção e distanciamento, por assim dizer*”. Outras respostas similares a essa, em que demonstrou-se a preferência pela língua inglesa, foram as duas que seguem: “*parece ser mais fácil talvez devido a algum distanciamento entre a língua e as minhas emoções como brasileira e latino-americana*” e “*parece que consigo falar sobre o que estou sentindo com mais objetividade. as palavras não evocam tanta reação emotiva em inglês quanto em português*”.

Ademais, muitos participantes auxiliaram na confirmação dessa hipótese revelando os momentos em que preferem fazer a troca da L1 para a LX. Enquanto alguns relataram optar pelo inglês quando querem racionalizar os acontecimentos ou simplesmente se distanciar

---

<sup>31</sup> “Eu sinto que usar o inglês como segunda língua não tem as conotações emocionais que lhes são atribuídas em minha língua materna”.

emocionalmente de uma situação, outros deram exemplos mais específicos. Assuntos que causam desconforto ou que são dolorosos de se discutir, sobre depressão e saúde mental de modo geral, temas de cunho romântico e/ou sexual, conversas sobre sentimentos intensos de tristeza ou amor e assuntos como relacionamentos e experiências traumáticas são algumas dessas situações. Assim, ao falar em inglês em vez de português, o falante consegue abordar essas temáticas com mais facilidade e conforto.

Além disso, a seguinte reflexão de uma participante traz um posicionamento um pouco diferente:

Acredito que desenvolvi um hábito de expressar minhas emoções em inglês devido ao fato de que uso o inglês diariamente desde os 12 anos de idade. Quando desenvolvi mais minhas habilidades na língua, fiz amizades com pessoas de outros países e usei a língua inglesa como mediadora da comunicação. Dessa forma, expressar meus sentimentos em inglês tornou-se muito mais habitual do que em português.

A partir dessa consideração nota-se que também há pessoas que optam pelo inglês para falar de assuntos e/ou emoções tanto boas quanto ruins por se sentirem mais livres, conseguirem acessar mais as emoções, se expressar melhor e porque consideram que a língua representa e compreende melhor os seus sentimentos.

Portanto, conclui-se que os participantes testados preferem usar a língua inglesa principalmente em contextos de maior exposição e vulnerabilidade, fazendo com que um tópico específico seja tratado sem desconforto. Percebe-se também que o sentir-se vulnerável não é considerado algo ruim por todos, mas sim um sentimento importante para que as emoções sejam externalizadas plenamente, sejam elas positivas ou negativas. Dessa forma, o idioma escolhido por cada um para expressar qualquer que seja a emoção é algo muito pessoal e que leva em conta as experiências e a relação que o indivíduo tem com cada uma de suas línguas.

#### **4.2 Análise referente ao objetivo específico B:**

O objetivo B deste trabalho buscou investigar em que medida o nível de proficiência em língua inglesa dos participantes afeta suas percepções de intensidade das emoções em L1 e em L2 e, para verificá-lo, os participantes foram separados em dois níveis de proficiência (alto e baixo), definidos pela média total de proficiência autoavaliada ( $M = 2,18$   $DP = 0,92$ ),

referente ao resultado da autoavaliação de proficiência em inglês (Tabela 1). A partir disso, aqueles que ficaram acima da média foram colocados no grupo A, de proficiência alta; e quem ficou abaixo da média foi colocado no grupo B, de proficiência baixa. Na tabela abaixo consta a divisão dos participantes por nível de proficiência:

**Tabela 7** - Participantes divididos por nível de proficiência (N=57)

Grupo	Frequência	Porcentagem (%)
A	31	54,38
B	26	45,614

Conforme a tabela, pode-se ver que mais da metade dos integrantes (54,38%) da pesquisa tem um grau de proficiência mais alto e que o número de participantes que não são tão proficientes é um pouco menor, comportando 45,61% da amostra.

Após a separação dos grupos, foi realizada uma análise estatística através de um teste-*t* de amostras independentes para que se pudesse fazer a verificação do segundo objetivo específico. Então foi feita a comparação dos grupos A e B em relação a suas respostas na RER-LX e, analisando o resultado da escala, não foi encontrada significância estatística na comparação entre os dois grupos. Logo, não houve diferença significativa entre os participantes mais e menos proficientes da amostra quanto à forma como responderam as questões da escala e isso significa que o nível de proficiência não é um fator determinante do grau de ressonância emocional da língua inglesa para os integrantes da pesquisa.

Sendo assim, a segunda hipótese da pesquisa, que esperava que alunos do curso de Letras da UFRGS com menor proficiência na língua inglesa demonstrassem menor intensidade das emoções em L2 do que os alunos de maior nível de proficiência autodeclarada, não pôde ser confirmada estatisticamente. Apesar disso, os resultados foram próximos da significância e acredita-se que com um número maior de integrantes, talvez uma significância estatística tivesse sido encontrada. Ainda, como não foi feita a seleção dos participantes a partir de níveis de proficiência específicos por receio de não conseguir estudantes que participassem da pesquisa, os grupos acabaram não diferindo muito em termos de proficiência e isso pode explicar o fato de não se ter conseguido corroborar a segunda hipótese.

Finalmente, embora nossa hipótese não tenha sido confirmada nem alcançado um número muito variado de níveis de proficiência, ainda é possível retomar um argumento

exposto no referencial teórico. Foi colocado que “proficiência e ressonância emocional em LX são dimensões conceitualmente independentes” (TOIVO; SCHEEPERS; DEWAELE, 2022, p. 26, tradução minha<sup>32</sup>), em que o nível de proficiência não significa, automaticamente, maior ou menor ressonância emocional e esse pode ser outro motivo pelo qual não encontramos muita diferença nas respostas dos participantes de alta e baixa proficiência. Além disso, Toivo, Scheepers e Dewaele (2022) expõem que a relação entre a proficiência e a ressonância emocional em LX está vinculada à frequência de uso e à exposição cultural à língua e, como foi visto na descrição dos participantes, de modo geral, eles não parecem utilizar tanto a segunda língua no seu dia a dia diminuindo, então, a possibilidade de aumento da ressonância emocional para aqueles de proficiência alta. Em contrapartida, esse dado poderia ser útil para justificar a redução da ressonância emocional naqueles com proficiência baixa, caso tivéssemos encontrado uma diferença significativa quanto a isso na comparação entre os dois grupos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este Trabalho de Conclusão de Curso teve como objetivo geral investigar as percepções de intensidade das emoções em L1 e em L2 em um grupo de alunos bilíngues português-ínglês, do curso de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), de níveis de proficiência variados. Investigar em que contextos os participantes testados preferem usar a L2 para expressar emoções e em que medida o nível de proficiência dos participantes em língua inglesa afeta suas percepções de intensidade das emoções em L1 e em L2 foram os dois objetivos específicos do estudo. Para realizar essas investigações, foi aplicado um questionário online em que os alunos responderam um questionário de histórico da linguagem e uma versão traduzida da *Reduced Emotional Resonance Scale (RER-LX)* (TOIVO; SCHEEPERS; DEWAELE, 2022).

Os resultados referentes ao objetivo específico A mostraram que a maioria dos alunos escolhem usar a segunda língua em contextos em que se sentem mais desconfortáveis, constrangidos e/ou muito expostos, ou seja, em situações em que o sentimento de vulnerabilidade é maior. Com isso, a primeira hipótese do trabalho pôde ser confirmada. Ainda, na intenção de verificar o objetivo específico B, foi feita uma análise estatística através de um teste-*t* de amostras independentes e o resultado mostrou que o nível de proficiência não

---

<sup>32</sup> No original: “Proficiency and emotional resonance in LX are therefore conceptually independent dimensions” (TOIVO; SCHEEPERS; DEWAELE, 2022, p. 26).

teve uma influência significativa nas respostas da escala e, com isso, não foi possível confirmar que o nível mais alto ou mais baixo de proficiência afeta, de fato, a forma como os participantes percebem a intensidade de suas emoções em L1 e em L2.

Considerando toda a metodologia do estudo e os resultados obtidos, conclui-se que realizar uma pesquisa que envolve outros indivíduos não é uma tarefa fácil. Primeiramente porque encontrar um número considerável de pessoas que estejam dispostas a colaborar com trabalhos nos quais não há um benefício direto para elas já é difícil e essa foi uma das limitações do trabalho. Apesar do mínimo desejado de participantes ter sido alcançado, talvez as duas hipóteses do trabalho teriam sido confirmadas se mais alunos tivessem participado. Em segundo lugar, realizar uma análise estatística também é uma atividade bastante complexa, que exige muita atenção e demanda possíveis adaptações a partir dos dados coletados em uma amostra (caso da divisão dos dois grupos, referentes ao nível de proficiência dos participantes). Então, embora seja trabalhoso, oportunizou muita aprendizagem sobre os procedimentos necessários para uma coleta e análise de dados, conhecimento útil para prováveis estudos futuros da autora deste trabalho.

Além disso, esta pesquisa reafirmou que externalizar sentimentos não é algo tão simples e que o bilinguismo traz novos olhares sobre as emoções, de forma que falantes bilíngues sentem, expressam e percebem as emoções de maneiras diferentes, com mais ou menos intensidade, a depender do idioma que estão usando em certo momento. Assim, compreende-se também que as pessoas revelam quem são através da língua e, pensando em falantes de duas ou mais, esses indivíduos têm a possibilidade de se expressar emocionalmente e se apresentar não só de novas maneiras, com palavras e expressões que não estão no léxico de sua L1 e/ou sua LX (e vice-versa), por exemplo, mas também da forma que se sentem mais confortáveis. Portanto, o idioma preferido por um falante bilíngue para a expressão de emoções é algo muito subjetivo, que depende da situação em que ele se encontra e de como quer se mostrar e se sentir ao fazê-lo (mais vulnerável e exposto ou não).

Para finalizar, considera-se que, embora já existam muitas pesquisas na área do bilinguismo e das emoções, ainda há um espaço teórico e empírico de estudos que possam ajudar a entender os sentimentos associados ao uso da língua materna e da segunda língua. Por esse motivo, acredita-se e espera-se que o presente trabalho vá contribuir para o campo de estudos em questão, principalmente no que concerne à preferência do falante pela L1 ou pela L2 para expressar emoções e em que contextos uma é sobrejacente a outra.

Por fim, estudos futuros podem pré-determinar a quantidade de participantes necessários para uma análise estatística como a que foi feita nesse trabalho e selecionar mais

rigorosa e especificamente o número mínimo de participantes para cada nível de proficiência. Dessa forma, a discussão referente a autopercepção da intensidade das emoções nas línguas de falantes bilíngues em relação aos seus níveis de proficiência pode continuar e, assim, a temática de bilinguismo e emoções avançar.

## REFERÊNCIAS

ARAGNO, A; SCHLACHET, P. Accessibility of early experience through the language of origin: A theoretical integration. **Psychoanalytic Psychology**, APA PsycNET, v. 13, ed. 1, p. 23-34, 1996. DOI <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/h0079636>. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/1996-00740-002>. Acesso em: 17 maio 2023.

DEWAELE, J.M. *et al.* How frequency and intensity of exposure to a foreign language boosts its emotional resonance. **International Journal of Multilingualism**, Taylor & Francis Online, 12 jul. 2023. DOI 10.1080/14790718.2023.2233551. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14790718.2023.2233551>. Acesso em: 02 ago. 2023.

FOSTER, R. Psychoanalysis and the bilingual patient: some observations on the influence of language choice on the transference. **Psychoanalytic Psychology**, APA PsycNET, v. 9, ed. 1, p. 61-76. DOI <https://doi.org/10.1037/h0079325>. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/1992-28302-001>. Acesso em: 17 maio 2023.

JASP Team (2023). JASP (Version 0.17.2)[Computer software].

JAVIER, R. Vicissitudes of autobiographical memories in a bilingual analysis. **Psychoanalytic Psychology**, APA PsycNET, v. 12, ed. 3, p. 429-438, 1995. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/buy/1996-93284-001>. Acesso em: 17 maio 2023.

MARIAN, V; KAUSHANSKAYA, M. Words, feelings, and bilingualism: Cross-linguistic differences in emotionality of autobiographical memories. **The Mental Lexicon**, John Benjamins Publishing Company, v. 3, ed. 1, p. 72-91, 2008. DOI 10.1075/ml.3.1.06mar. Disponível em: <https://www.jbe-platform.com/content/journals/10.1075/ml.3.1.06mar>. Acesso em: 17 maio 2023.

MELO, J; FONTES, A. B. A. Bilíngues sentem e expressam emoções da mesma forma em cada língua? Um estudo com brasileiros falantes de português e inglês. **Cadernos de Linguística**, [S. l.], v. 2, n. 4, p. e463, 2021. DOI: 10.25189/2675-4916.2021.v2.n4.id463. Disponível em: <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/463>. Acesso em: 17 maio 2023.

MELO, J. As diferentes percepções de bilíngues na expressão de emoções. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/230602>. Acesso em: 02 ago. 2023.

PAVLENKO, A. Bilingual Selves. In: PAVLENKO, Aneta. **Bilingual Minds: Emotional Experience, Expression and Representation**. [S. l.]: Multilingual Matters Ltd, 2006. cap. 1, p. 1-33. ISBN 1-85359-873-9.

PAVLENKO, A. Discursive level: *I feel zhalko tebia bednogo*. In: PAVLENKO, Aneta. **Emotions and Multilingualism**. 1. ed. [S. l.]: Cambridge University Press, 2005. cap. 5, p. 112-150. ISBN 0521045770.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. Biblioteca Central Irmão José Otão. **Modelo de Referências Elaborado pela Biblioteca Central Irmão José Otão**. Porto Alegre, 2019. Disponível em: <http://www.pucrs.br/biblioteca/modelos>. Acesso em: 24 ago. 2023.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. Biblioteca Central Ir. José Otão. **Modelo para apresentação de citações em documentos elaborado pela Biblioteca Central Irmão José Otão**. 2017. Disponível em: [/www.pucrs.br/biblioteca/modelos](http://www.pucrs.br/biblioteca/modelos). Acesso em: 24 ago. 2023.

SCHOLL, A.P; FINGER, I. Elaboração de um questionário de histórico da linguagem para pesquisas com bilíngues. Porto Alegre: **Nonada: Letras em Revista**, v. 2, ed. 21, 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=512451671020>. Acesso em: 05 jul. 2023.

TOIVO, W; SCHEEPERS, C; DEWAELE, J.-M. RER-LX: A new scale to measure reduced emotional resonance in bilinguals' later learnt language, 2022. Disponível em: [psyarxiv.com/a2yjjz](https://psyarxiv.com/a2yjjz). Acesso em: 31 maio 2023.

VARGAS, N; KROLL, J; TORRES, J. What heritage bilinguals tell us about the language of emotion. *Languages*, 6 jun. 2022. DOI <https://doi.org/10.3390/languages7020144>. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2226-471X/7/2/144>. Acesso em: 17 maio 2023.

WIERZBICKA, A. Preface: Bilingual lives, bilingual experience. *Journal of Multilingual and Multicultural Development*, 2004, v. 25, p. 94-104. Disponível em: [JMMD25\\_2-3-libre.pdf\(d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net\)](JMMD25_2-3-libre.pdf(d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net)). Acesso em: 24 ago. 2023.

## ANEXOS

### APÊNDICES

#### Apêndice A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Olá! Obrigada pelo interesse em contribuir com esta pesquisa! Antes de começar, será necessário que você leia o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que se encontra abaixo, para que aceite, ou não, fazer parte da pesquisa. Ao ler o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, você encontrará o objetivo, os procedimentos, os riscos e os benefícios desta coleta de dados.

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso intitulada “Investigando a intensidade das emoções em L1 e em L2 em alunos da Letras”, que tem como objetivo investigar as percepções de intensidade das emoções em L1 e em L2 em um grupo de alunos bilíngues português-inglês, do curso de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), de níveis de proficiência variados. Para fazer isso, será aplicado um questionário voltado para os alunos da graduação de Letras da UFRGS de vários níveis de proficiência que têm português como L1 e inglês como L2.

Ao aceitar fazer parte da pesquisa, você responderá a um questionário no Google Forms que contém perguntas referentes ao seu histórico linguístico e à sua autoavaliação de proficiência, assim como perguntas sobre como você se sente em diferentes situações, relacionando a sua L1 com a sua L2. O preenchimento do questionário deve levar 30 minutos.

Essa pesquisa não lhe trará benefícios diretos e não haverá remuneração pela sua participação. Como benefício indireto, a pesquisa poderá fornecer dados que ampliam a compreensão acerca da relação entre proficiência na língua inglesa e a redução da ressonância emocional em L2 em alunos de Letras da UFRGS. Por outro lado, os participantes, durante a realização da pesquisa, podem se cansar mentalmente ou se sentir desconfortáveis ao responder algumas das questões. Para minimizar esses riscos, não será estipulado tempo limite para o preenchimento do questionário, e o participante será instruído a responder às perguntas de acordo com as próprias percepções, não havendo respostas certas ou erradas. Além disso, conforme consta na Resolução CNS 210/2016, a identidade dos participantes será mantida em sigilo, garantindo, assim, a confidencialidade de suas respostas.

Se concordar em participar, você pode, a qualquer momento, perguntar ou pedir esclarecimento acerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa. Você está livre também para retirar seu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem justificativa, sem que isso lhe traga prejuízo. Você tem a garantia de que não será identificado(a) quando da divulgação dos resultados e que as informações obtidas serão utilizadas apenas para fins científicos vinculados ao presente projeto de pesquisa. Por fim, você pode pedir acesso aos seus resultados para os pesquisadores. Os seus dados serão armazenados por um período mínimo de 5 anos no computador da pesquisadora responsável pelo estudo e de sua orientanda que o está conduzindo.

A pesquisadora responsável por este projeto de pesquisa é a professora Dra. Ingrid Finger (e-mail: [ingrid.finger@ufrgs.br](mailto:ingrid.finger@ufrgs.br); telefone institucional: 51- 3308.6704; endereço institucional: gabinete nº 220 do Prédio Administrativo do Instituto de Letras do Campus do Vale da UFRGS, localizado na Avenida Bento Gonçalves, 9500 – Agronomia, Porto Alegre/RS – CEP: 91540-000). Quaisquer dúvidas podem ser sanadas junto à graduanda Nicole Fontoura Kuhn (e-mail: [nicolefkuhn@gmail.com](mailto:nicolefkuhn@gmail.com), telefone 51-989185335) ou junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS (e-mail: [etica@propesq.ufrgs.br](mailto:etica@propesq.ufrgs.br); telefone: 51-3308.3738; endereço: Prédio Anexo I da Reitoria do Campus Centro, localizado na Avenida Paulo Gama, 110, Sala 311 - Farroupilha, Porto Alegre/RS – CEP: 90040-060; horário de funcionamento: de segunda a sexta, das 8h às 12h e das 13h às 17h).

Ao concordar com o presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, você declara que autoriza sua participação nesta pesquisa, e que foi informado(a), de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção, dos objetivos e justificativa desta pesquisa, dos procedimentos a que será submetido(a), dos riscos, desconfortos e benefícios e de informações sobre as tarefas que realizará, todos acima listados.

- Concordo  
 Não concordo

### **Apêndice B - Convite para alunos do curso de Letras**

Oi, pessoal do inglês! Gostaria de convidá-los a participar da minha pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso que investiga as percepções de intensidade das emoções em L1 e em L2 em alunos da Letras, de níveis de proficiência variados. Para coletar esses dados, foi elaborado um formulário no Google Forms que pede que vocês preencham alguns dados sobre o histórico de linguagem de vocês e uma escala de ressonância emocional reduzida em L2. O público-alvo são alunos de graduação de Letras - Português/Inglês da UFRGS. Os pré-requisitos para participar da pesquisa são: ser brasileiro, ter português como língua nativa e inglês como língua adicional. Todos os níveis de proficiência serão aceitos. Para preencher este formulário você precisará de cerca de 30 minutos, e pode pausar para descansar se achar necessário. Você também poderá desistir da pesquisa a qualquer momento.

Quem tiver interesse em participar, aqui está o link:  
[https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSebueM6VmSTFK1f2ooFVBce-DPr44b1EaujUA17uWx-SvFjA/viewform?usp=sf\\_link](https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSebueM6VmSTFK1f2ooFVBce-DPr44b1EaujUA17uWx-SvFjA/viewform?usp=sf_link)

As formas de contato comigo ou com a pesquisadora responsável se encontram no formulário.

### **Apêndice C - Questionário de Histórico de Linguagem**

Data: \_\_\_\_\_ Participante nº: \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_ Sexo:  F  M

Data de nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ Local de nascimento: \_\_\_\_\_

Ano de ingresso no curso de Letras:

---

Indique seu curso:

- Licenciatura em Letras - Inglês
- Licenciatura em Letras - Português/Inglês
- Bacharelado em Letras - Inglês
- Bacharelado em Letras - Português/Inglês

Liste as disciplinas ministradas em inglês que está cursando neste semestre e qual o formato das aulas (atividades totalmente assíncronas, encontros síncronos e atividades assíncronas, somente encontros síncronos)

---

Você tem mais facilidade ou dificuldade para expressar suas emoções? Em qual língua você prefere expressá-las? Por que?

---

Você se sente mais vulnerável expressando emoções em português ou em inglês? Há algum assunto ou algum tipo de situação que te faça optar pelo inglês em vez do português?

---

Com qual idade você começou a aprender inglês?

---

Com qual idade você considera que se tornou fluente em inglês?

---

Indique o seu nível de proficiência em inglês:

	Muito baixo	Baixo	Razoável	Bom	Muito bom	Proficiente
Leitura	<input type="checkbox"/>					
Escrita	<input type="checkbox"/>					
Produção oral	<input type="checkbox"/>					
Compreensão oral	<input type="checkbox"/>					

Indique o quanto estes fatores contribuem/contribuíram para sua aprendizagem de inglês:

	Não contribuiu	Contribuiu pouco	Contribuiu em boa medida	Foi essencial
Interação com a família	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Interação com os amigos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Leitura geral	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Leitura de textos acadêmicos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Assistir televisão e filmes	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ouvir rádio e/ou música	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Uso da internet	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Disciplinas do curso de Letras				
Curso de línguas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outro _____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>



## Apêndice D - Reduced Emotional Resonance in LX Scale

Acerca da redução emocional na língua inglesa em comparação com a língua portuguesa, marque apenas uma alternativa em cada questão.

1. Eu me sinto menos emotiva usando minha L2 que minha L1.

- Discordo totalmente  Discordo  Discordo um pouco  Concordo um pouco  Concordo  
 Concordo totalmente

2. Eu acho mais fácil falar sobre tópicos constrangedores na minha L2 que na minha L1.

- Discordo totalmente  Discordo  Discordo um pouco  Concordo um pouco  Concordo  
 Concordo totalmente

3. Eu acho mais difícil falar sobre tópicos incômodos/desconfortáveis na minha L1 que na minha L2..

- Discordo totalmente  Discordo  Discordo um pouco  Concordo um pouco  Concordo  
 Concordo totalmente

4. Quando estou muito irritado, tendo a usar minha L1 mais que minha L2.

- Discordo totalmente  Discordo  Discordo um pouco  Concordo um pouco  Concordo  
 Concordo totalmente

5. Palavrões me afetam mais na minha L1 que na minha L2.

- Discordo totalmente  Discordo  Discordo um pouco  Concordo um pouco  Concordo  
 Concordo totalmente

6. Eu acho mais fácil falar sobre sexo na minha L1 que na minha L2.

- Discordo totalmente  Discordo  Discordo um pouco  Concordo um pouco  Concordo  
 Concordo totalmente

7. Ser criticado é mais desagradável na minha L1 que na minha L2.

- Discordo totalmente  Discordo  Discordo um pouco  Concordo um pouco  Concordo  
 Concordo totalmente

8. Dizer o equivalente a “eu te amo” tem mais peso na minha L1 que na minha L2.

- Discordo totalmente  Discordo  Discordo um pouco  Concordo um pouco  Concordo  
 Concordo totalmente

9. Comparado com minha L1, sinto que há uma distância emocional maior quando uso minha L2.

- Discordo totalmente  Discordo  Discordo um pouco  Concordo um pouco  Concordo  
 Concordo totalmente

10. Insultos parecem mais ofensivos na minha L1 que na minha L2.

- Discordo totalmente  Discordo  Discordo um pouco  Concordo um pouco  Concordo  
 Concordo totalmente

11. Prefiro minha L1 à minha L2 quando leio por prazer.

- Discordo totalmente  Discordo  Discordo um pouco  Concordo um pouco  Concordo  
 Concordo totalmente

12. É mais provável que um filme triste me faça chorar quando o assisto na minha L1 em vez da minha L2.

- Discordo totalmente  Discordo  Discordo um pouco  Concordo um pouco  Concordo  
 Concordo totalmente

13. Quando quero que palavras tenham peso real, uso minha L1 em vez da minha L2.

- Discordo totalmente  Discordo  Discordo um pouco  Concordo um pouco  Concordo  
 Concordo totalmente

14. Poesia em minha L2 tem menos efeito em mim do que poesia na minha L1.

- Discordo totalmente  Discordo  Discordo um pouco  Concordo um pouco  Concordo  
 Concordo totalmente

15. Eu me conecto emocionalmente com quem converso melhor e mais rapidamente na minha L1 que na minha L2.

- Discordo totalmente  Discordo  Discordo um pouco  Concordo um pouco  Concordo  
 Concordo totalmente

16. Tenho uma melhor noção do que meu interlocutor está pensando ou sentindo quando uso minha L1 do que minha L2.

- Discordo totalmente
- Discordo
- Discordo um pouco
- Concordo um pouco
- Concordo
- Concordo totalmente

17. Músicas românticas parecem mais intensas na minha L1 do que na minha L2.

- Discordo totalmente
- Discordo
- Discordo um pouco
- Concordo um pouco
- Concordo
- Concordo totalmente